

DÍJO – UM RESGATE HISTÓRICO-CULTURAL AFRICANO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM UM CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

Cristiane de Oliveira¹, Ednéia Cachoeira², Gabriel Rezende Vargas³,
Juliana Neli Campa⁴, Wendel Augusto Gama⁵

Temática abordada: Educação em contextos não escolares

Identificação da Província e da instituição: Rede Marista de Solidariedade, Fazenda Rio Grande - PR

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a vivência interdisciplinar sobre a contribuição da cultura africana no Brasil, pois se faz necessário um (re) conhecimento, um resgate e uma valorização dos saberes trazidos da África, que se fazem presentes no dia a dia, mas acabam passando despercebidos quanto a sua origem. Atuando em uma realidade de vulnerabilidade e riscos, o Centro Social Marista Irmão Henri atende crianças e adolescentes que são descendentes diretos e indiretos do povo que foi feito escravo e que ainda sente o preconceito e a indiferença. Trabalhar esse tema na questão de valorização, exaltando as belezas, questionando e reconhecendo atitudes de preconceitos, proporciona aos educandos e educadores um olhar ampliado sobre a temática. Um dos temas trabalhados foi o racismo, algo que se combate com discussões, valorização da identidade negra, empoderamento dos sujeitos para que eles possam ter opiniões e posicionamentos diante das indiferenças. Trabalhar de forma interdisciplinar é um desafio constante, e neste trabalho não poderia ter sido diferente. As linguagens trabalharam a mesma temática, mas dentro de sua especificidade, o que acabou tornando esse projeto algo tão rico. A valorização da cultura negra nunca foi tão forte e tão presente em todos os espaços da unidade. Tentar fazer educandos se reconhecerem e se como pertencentes a uma cultura é um desafio constante, mas é o que se ganha ao pensar em um projeto dessa grandeza.

Palavras-chave: Racismo. Identidade. Interdisciplinar. Negro. Cultura.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física. Especialista em Gestão social. E-mail: cristiane.o@pucpr.br

² Graduada em Pedagogia. Especialista em Pedagogia Empresarial. E-mail: edneia.cachoeira@pucpr.br

³ Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas. E-mail: gabriel.vargas@pucpr.br

⁴ Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. E-mail: juliana.campa@pucpr.br

⁵ Graduado em Bacharelado em Serviço Social. Especialista em Questão Social e Interdisciplinaridade. E-mail: wendel.gama@solmarista.org.br

Introdução

Tornou-se comum celebrar no Brasil a miscigenação étnico-cultural tendo em vista a constituição de um país de misturas, cujos elementos constitutivos de sua população, dos quais destacam-se traços étnicos do branco, do negro e do indígena, teriam sido, como em nenhum outro processo civilizatório, assimilados e incorporados na cultura e nos aspectos da constituição étnico-racial das populações, originando uma amálgama única. A constituição da identidade do ser humano como expressão de grupos e categorias sociais está indissolúvelmente ligada ao processo de socialização (PEREIRA, 1987 p. 41).

O Brasil multiétnico-racial, celebrado em verso e prosa, virou propaganda institucional do país, possibilitando seu uso na instrumentalização de peças publicitárias e até mesmo na promoção de megaeventos esportivos. A verdade é que essa promoção da miscigenação da população registrada como dado constituinte da sociedade brasileira foi sendo criada de modo paulatino, buscando esconder, entre outros fatores, questões mais sérias para essa população no que diz respeito aos preconceitos, divisões de classes, invisibilização de uma parcela da sociedade, entre outros fatores. Segundo Júnior (1997, p. 1), a recusa à identidade étnica dos negros tem sido negligenciada em todo o intercurso da história, pela sociedade e pelo Estado. Essa recusa engendrou mecanismos ideológicos e práticos de fragmentação da identidade, técnica social de subordinação e obediência do negro.

Portanto, o trabalho educativo realizado quer contribuir com a mudança dessa realidade que discrimina e subjuga pessoas, em especial, neste caso, os negros. A rede Marista de Solidariedade acredita que promover espaços de participação faz com que a visão de mundo dos educandos se ampliem, e através das práticas, dos olhares, dos diálogos e das observações do cotidiano, esse sujeito pode causar transformações pessoais e sociais.

Dentro do serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, podemos viver uma experiência de contato multilateral e diverso de pessoas com origens e percursos sociais, econômicos e culturais tendo em vista os perfis de educandos. Este encontro pode propiciar experiências únicas de trocas, considerando a convivência num mesmo espaço. Além disso, possibilita a expressão de desejos por parte dos educandos e dos educadores que, juntos, podem perceber e congregar saberes, realizando experiências inovadoras e criativas a partir de processos de escuta atenta e elaboração de propostas que atendam às necessidades dos educandos ou discutam questões pertinentes a estes públicos.

No Centro Social Marista Irmão Henri, localizado na cidade de Fazenda Rio Grande, no estado do Paraná, após uma observação atenta construída pelos educadores ao longo do tempo, tornou-se evidente que a questão étnico-racial pairava nos comportamentos e nas visões do público atendido. Por meio de intervenções pontuais, os educadores tratavam das situações de forma pontual, pouco reflexiva, olhando somente para algumas situações específicas, entretanto sem um olhar amplo sobre a problemática em questão.

Pensando que a educação social deve assumir seu papel na vida de cada educando, em um papel transformador que desvende a sociedade, analisa, critica e evidencia as situações que subjagam seres humanos de forma velada ou explícita, a Rede Marista de Solidariedade tem como responsabilidade e missão fazer com que os educandos possam ter acesso a serviços de qualidade e tenham oportunidade de ver o mundo com outros olhares. Esses olhares são ressaltados pela prática diária desse educador, que é a ferramenta principal no processo de evangelizar por meio da educação. Segundo a Proposta Socioeducativa (2010), é importante destacar a imprescindibilidade da referência do educador na vida do educando que transcende a presença física e promove o aprendizado de valores fundamentais para a existência humana.

Refletindo essa prática do educador, que é essencial e fundamental nesse processo, que atua diretamente com o educando, que estabelece vínculo, tato e sensibilidade, e que assume a responsabilidade de transformar realidades no chão que atua, na vida dos que toca, nas ideias que são capazes de transformar, construir e ressignificar; esse mesmo educador, que muitas vezes precisa desvincular ideias construídas pela sua realidade, que olha para sua própria vida e reflete que, mesmo sem nunca ter passado por nenhuma violação de direitos, sem nunca ter vivido o preconceito na pele, assume o papel de se transformar para atender a uma necessidade, uma realidade que muitas vezes não é a sua.

Tendo em vista que esse educando não tem espaços dentro dessa sociedade para ser ouvido, a construção da identidade de um ser capaz de se expressar está totalmente ligada à forma com a qual o mesmo está ao meio social, a socialização é da construção da pessoa humana (PEREIRA, p. 41, 1987).

Para que possa referenciar e empoderar-se de discussões que são tão importantes para a construção de sua trajetória de vida, a Rede Marista de Solidariedade fala sobre a importância do educador nesse processo de transformação:

Para tanto, a atitude mediadora do educador é essencial, promovendo junto aos educandos espaços de escuta, diálogo, problematização e reflexão acerca dos desafios que se colocam no cotidiano [...] para uma atuação educativa mediadora, uma condição é o profundo conhecimento da história de vida dos educandos e do território onde o educador atua, realizando uma análise crítica coerente a com complexidade do contexto atual e que impacta as infâncias e juventude. (2010, p. 34).

É importante frisar que as ações de mediação partem de um planejamento, de um olhar para o território, com linguagem acessível e que possa causar uma sensibilização nos educandos, algo intenso, que permita refletir o mesmo assunto em diferentes linguagens.

Olhando para esse cenário socioeducativo, nasce o Projeto “Díjo⁶”, que foi uma resposta aos anseios e desejos da equipe de educadores que aceitou o desafio de trabalhar de forma inter e transdisciplinar em um único projeto, cujo o intuito seria o resgate, conhecimento e valorização da Cultura Afro-Brasileira, entendendo que este espaço é propício para que essas questões culturais possam ser trabalhadas de forma abrangente em sua diversidade. Em relação à diversidade, é notório frisar que:

A diversidade é a expressão de vida e de identidade humana. Vivemos em contextos atravessados diurnamente por diferenças culturais, resultantes da diversidade. Essas diferenças geram uma multiplicidade de olhares, de valores e linguagens, de crenças, em um movimento dinâmico em constante processo de renovação, ou seja, a diversidade cultural é fruto das trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições com base nas diferenças, desigualdades, tensões e conflitos que se caracterizam como um conjunto de opostos, divergentes e contraditórios. (Projeto Marista para o Ensino Fundamental, 2010, p. 27).

Assim, o Projeto Díjo tem por finalidade o conhecimento, a valorização, o respeito, a promoção da cultura africana e a luta por igualdade racial.

É interessante reconhecer que o racismo⁷ está presente nas relações humanas e que por diversas vezes ocorre a naturalização desse comportamento, apresentando-se de forma implícita e explícita nestas relações. Milton Santos afirma isso quando diz que:

A questão do negro também deve ser tratada de maneira digna. A produção de um novo discurso poderá permitir um novo plano de debate, e essa é a tarefa essencial dos momentos negros. Isto supõe a tolerância com as práticas plurais [...]. É a pluralidade que faz sua riqueza e sua força. A trança no cabelo ou cabelo espichado não deve ser um dado que exclua ou separe. (SANTOS, 1996, p. 141).

⁶ Palavra “Juntos” do dialeto Yorubá um dos mais de 250 idiomas falados na Nigéria e em alguns outros países da África Ocidental (VOCABULÁRIO YORÛBÁ Para entender a linguagem dos orixás, 2010).

⁷ “Tendência do pensamento ou modo de pensar em que se dá grande importância à noção da existência de raças humanas distintas [...] Qualidade ou sentimento de indivíduo racista; atitude preconceituosa ou discriminatória em relação a indivíduo (s) considerado (s) de outra raça.” (AURÉLIO, 2010 p. 1769).

Portanto, estes fatos indicam que o racismo e os comportamentos com esse viés fazem parte da convivência na sociedade e que não são exclusivos dos educandos da Unidade Social em análise, mas sim o reflexo de um problema social. Esse preconceito se reflete, principalmente, em questões estéticas, como, por exemplo, no que diz respeito à visão sobre o cabelo, as características físicas negras e as condições econômicas desta população. São padrões não valorizados, em grande parte, pela mídia; e, quando o são, atendem quase que por adaptação aos padrões ditos “embranquecedores”, este último tido como padrão ideal da população brasileira. Para Milton Santos:

A luta dos negros só pode ter eficácia se envolver todos os brasileiros, inclusive os negros, mas não só os negros. Não cabe aos negros, aliás, fazer essa luta. Essa luta tem que ser feita sobretudo por todos. Creio que essa etapa seguinte, a de reclamar de todos que participem; e não só em um dia ou uma semana. Eu não tenho simpatia por treze de maio e nem semana do mês de novembro, porque tenho uma enorme dificuldade em aceitar que o país celebre uma semana, celebre um dia e os resto dos 357 dias se descuide da questão. Eu creio que é importante que haja esses dias no sentido de mobilização. Só que a mobilização não é obrigatoriamente aquilo que produz a consciência. Com frequência a mobilização cria um elã emocional e o que permite uma luta continuada é a produção da consciência que não pode ser, digamos, obtida em um dia, treze de maio, uma semana, semana da consciência negra, porque não é questão de consciência negra, é questão de consciência nacional; o negro sabe perfeitamente a sua situação. (SANTOS, 2016).

Tendo em vista que existe uma consagração de datas e memórias fragmentadas da presença negra no Brasil, é importante frisar que a questão de a população brasileira ter em sua constituição de modo essencial o elemento negro reivindica não apenas para um grupo social a luta ou somente a existência de datas simbólicas. Registrem-se os espaços de educação não formal como ambientes nos quais essa discussão étnico-racial pode ser ampliada e compreendida de uma forma única por uma população heterogênea.

Pela própria constituição do serviço e pelas características do público atendido, torna-se vital esse compromisso permanente, como defende Santos (2016), não restrito a pessoas com o fenótipo negro, ou ao histórico de engajamento na causa, mas sim a partir de uma valorização do elemento negro percorrendo a cultura e os espaços sociais sem fragmentar a discussão em semanas ou momentos específicos.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é expor o debate promovido entre os educandos e educadores acerca de uma reflexão e valorização da cultura africana e afro-brasileira no espaço socioeducativo e nos comportamentos diários dentro e fora da unidade social, buscando superar os comportamentos discriminatórios, entender elementos culturais e

respeitar um patrimônio sociocultural essencial dentro da configuração e constituição da sociedade brasileira.

E como tudo aconteceu

O projeto Dijo ocorreu, de modo simultâneo, percorrendo o trabalho de todos os educadores dentro de suas especificidades e buscando identificar, desenvolver e discutir aspectos e elementos da cultura africana e afro-brasileira tendo em vista os reflexos destas questões no ambiente cultural misto que envolve a relação entre educandos, educadores e o espaço do Centro Social Irmão Henri.

Nesse sentido, as atividades propostas nas linguagens relacionaram-se em torno do tema afro-brasileiro, a partir do resgate histórico e das culturas africanas. Buscou-se, por meio deste projeto, pensar um processo identitário, incentivando, orientando, valorizando e possibilitando instrumentalizar ações por meio da arte, da religião, de jogos, da alimentação, da música, da dança e das representações de personalidades negras através de sua vida e de sua obra literária, sendo eles representantes da resistência dos padrões estabelecidos na atualidade.

- *É tão bom poder caminhar em grupo e muitas vezes se encontrar em meio a tantos!*

Pelo viés do jogo e das atividades coletivas, o projeto tentou recriar o cenário tribal sob qual várias sociedades africanas são baseadas, trazendo elementos importantes para a construção do indivíduo como valorização e reconhecimento do outro, trabalho em equipe e fortalecimento de vínculos. Assim nasce TRIBOS, um projeto que instiga a pensar formas de se organizar, viver e agir na tomada de decisões. Tribos africanas, do qual toda humanidade é descendente, foram a inspiração para apresentar aos educandos uma nova forma de resolução de desafios; os mesmos eram apresentados semanalmente pelos educadores, que, junto com os educandos, instigavam a participação de todos, valorizando a inteligência coletiva; ao final de cada atividade, sempre havia algo sobre o que se refletir, aprender ou ensinar. A linguagem se desdobrou em ações dentro e fora dos muros da unidade, possibilitando aos educandos uma mudança de rotina e uma ampliação de repertório para que as experiências fossem ainda mais marcantes para todos.

Nos encontros iniciais, percorremos um viés histórico, para que os educandos pudessem entender a necessidade do homem de viver em tribos, entendendo sua organização social e política e que esses elementos são fundamentais dentro de uma tribo. Metodologicamente, foram escolhidas 4 tribos africanas: os Bornos, Baribas, Iorubas e Haussas, que deram enredo e inspiração à nossa prática. Na sequência de ações, seguiu-se com uma resignificação do seu batismo tribal, a partir da construção coletiva da cinza da fogueira que marcaria o início da caminhada do grupo. Essa caminhada coletiva foi marcada, a cada aula, pelos desafios de trabalho em equipe, pelas construções coletivas que davam sentido à caminhada dos educandos, que se envolviam e sentiam-se parte do processo, conhecendo seus limites e ressaltando valores.

- *Os movimentos foram vividos muito antes de nós, eles refletem as batidas do coração, faz sentido quando se batem os pés no chão ... dançar faz reviver a história de um povo que foi forte, guerreiro e, acima de tudo, LINDO!*

A Cultura Brasileira está repleta de ritos, sons e gingados da cultura Africana. Ao se refletir sobre isso, foram mostradas danças que contam histórias através dos passos, que trazem louvores aos santos, clamores e sofrimentos que eram aliviados nas rodas de maculelê⁸, na dança da desfeiteira, nos movimentos livres ao som dos tambores. Na linguagem de dança, os educandos conheceram a origem de cada ritmo, as variações e formas de executar. No processo de escolha, puderam decidir sobre qual seria a melhor forma de fazer e qual ritmo dançar. As aulas sempre contavam com momentos de descontração, alegria e muita informação. Pode-se refletir sobre a coragem do guerreiro maculelê, que luta pela defesa dos seus amigos índios e originou uma dança forte e bela; conhecer a desfeiteira, uma dança que também traz a influência dos ritmos portugueses e indígenas, fortalecendo, assim, as três principais fontes da música brasileira: a indígena, a portuguesa e a africana. E nas músicas do Ilê os educandos perceberam o grito e o clamor de um bairro da periferia de Salvador, que fez da música e da dança formas de resistência negra. Todas as questões, reflexões e pensamentos eram debatidos na construção de cada movimento coreográfico.

⁸ Misto de jogo e dança de bastões, de Santo Amaro, remanescente dos antigos cucumbis. (AURÉLIO, 2010, p. 1304).

- ***Vestes, corpo, cor, máscaras, riscos e rabiscos... ARTE. Isso também conta a história de um povo de que, de alguma forma, também fazemos parte!***

Por meio das artes visuais, foi feito um resgate histórico sobre as influências das representações artísticas africanas, resgate este que rendeu debates em torno dessa influência, pois muitas vezes, devido a um contexto histórico mal contado, essa cultura é vista com maus olhos, de uma forma discriminatória. Isso fica muito claro na fala dos próprios educandos quando eles se referem principalmente a questões de cunho religioso. Um exemplo disso é que, ainda nos dias de hoje, falar sobre macumba⁹ gera um desconforto, pois tem uma conotação pejorativa, referenciando muitas vezes a algo ruim. Quando o real significado dessas palavras é resgatado, esses termos deixam de ser pejorativos e passam ser elementos pertencentes a uma cultura, com seus significados próprios.

Após longos debates e interessantes reflexões, iniciam-se as discussões sobre as práticas a serem realizadas. O intuito era trabalhar acerca das representações artísticas, mas antes era preciso delimitar quais dessas representações seriam feitas, pois há uma gama de diversidade nesse âmbito. Portanto, foram escolhidas apenas três representações: máscara, pintura e escultura da mulher africana.

Dentro dessas três possibilidades de representações, cada turma escolheu o seu o objeto a ser confeccionado e, ao final, quando os objetos de representação estavam prontos, organizou-se uma exposição para que todos da comunidade educativa, assim como membros das famílias dos educandos, pudessem prestigiar o trabalho realizado.

- ***Expressar, contar, gravar e escrever nos faz sentir parte de uma história, de histórias de vidas!***

A proposta de atividades para Educomunicação foi a construção de vídeos relacionados ao tema afro-brasileiro. Para que os educandos pudessem se apropriar das ferramentas utilizadas nesse processo e para que pudessem ampliar seus olhares em torno do tema central, foram realizados vários encontros e, nesses encontros, além das pesquisas, eram propiciados momentos de debates ricos em reflexões.

⁹ Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo [...] antigo instrumento de percussão, espécie de reco-reco de origem africana, e que produz um som rascante. (AURÉLIO, 2010, p. 1304).

Os temas escolhidos pelos educandos foram os mais variados: o preconceito contra a mulher negra; a capoeira; o ritmo de dança kuduro, uma receita de arroz amarelo sul-africano; a brincadeira Terra e Mar; uma narração breve sobre a vida e a obra de Nelson Mandela e um *rap* contra o preconceito.

Após compreendido e refletido o tema, chega o momento da construção e edição coletiva dos vídeos. Essa gravação e edição trouxe para a prática todo o processo de pesquisa e debate abordado pelo grupo no seu tema escolhido. Depois de finalizados os seus vídeos, os educandos puderam apresentar, numa troca importante, os conhecimentos adquiridos da cultura afro-brasileira de acordo com os variados aspectos desenvolvidos nesse projeto.

- ***Da terra sai o sustento que alimenta todo um povo!***

A ideia da linguagem foi trabalhar alguns aspectos históricos da cultura e dos povos da África relacionados principalmente à agricultura, para que posteriormente os educandos pudessem fazer uso das técnicas aplicadas para o plantio em sacas, um tipo de plantio muito usado em alguns países da África.

Antes de colocarem as mãos na terra, os educandos se apropriaram dessas técnicas por meio de pesquisas, debates e reflexões. Em seguida, foram divididos em grupos, ficando cada grupo responsável por um determinado trabalho, pois, além de plantar as mudas, era necessário um preparo anterior, como a separação das pedras, da terra e achar o local adequado para montar as sacas.

Cada saca permitia o plantio de até 20 mudas, e, após o plantio, foi necessária uma atenção rigorosa para que as mudas não pudessem perecer. Assim, os educandos foram estimulados a se responsabilizar por aguar, limpar as ervas daninhas, fazer a verificação da presença ou não de insetos. E, já que o cultivo foi coletivo, a bonança e a festividade da colheita também viriam a ser motivo de alegria e convivência para o grupo. Tudo isso, enfim, resultou num verdadeiro trabalho em grupo e a na promoção do *cuidado*.

- ***O turbante, os contas, orixás, oferendas e tambores ... A beleza de religiões nascidas em terras brasileiras!***

Nos encontros realizados com a PJM (Pastoral Juvenil Marista) o tema abordado foi relacionado as religiões de matriz africana, que, segundo Barros (2014, p. 29), foram criadas

no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados, sendo aqui reformulada para poder se adequar e se adaptar às novas condições ambientais.

A proposta apresentada trouxe um olhar para duas religiões, candomblé¹⁰ e umbanda¹¹, religiões que foram trazidas pelos negros, mas que em terras brasileiras ganharam forma, pois não foram modificados, só sofreram readaptações. (BARROS, 2014, p. 30).

A ideia do senso comum sobre essas duas manifestações religiosas muitas vezes traz um olhar desconfiado, carregado de preconceito com o desconhecido. Pelo fato de terem sido religiões que tiveram que se esconder e serem praticadas longe dos grandes centros, para sua continuidade foram aliadas ao sincretismo¹², para permitir que suas religiões se estabelecessem (BARROS, 2014, p. 35). Hoje ele não é mais necessário, considerando-se que somos um estado laico, garantido pelo artigo V da Constituição Federal, que preza pela liberdade de todos os indivíduos profetizarem sua religião, independentemente de seu credo religioso.

Para que houvesse maior esclarecimento do assunto abordado, foram utilizados como recurso metodológico alguns vídeos que apresentavam referências sobre essas duas religiões. Posteriormente, foram feitos debates e reflexões em torno desses temas, para os quais os educandos traziam contribuições significativas sobre seus conhecimentos prévios.

Essa foi uma dinâmica muito interessante, pois os educandos conseguiram se expressar sobre suas referências religiosas argumentando sobre o pré-conceito que ronda quando se fala em candomblé ou umbanda.

- ***Contos, histórias e vidas ... Autores brasileiros símbolos de resistência!***

¹⁰ A palavra candomblé parece ter se originado de um termo da nação Bantu. Candomblé é traduzido como “dança, batuque”. “Essa palavra se referia às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos, nas senzalas, em seus momentos de folga [...] esse nome se modificou e se secularizou na religião africana que floresceu no Brasil”. (BARROS, p. 29, 2014).

¹¹ Religião brasileira formada através de elementos de outras religiões como o catolicismo ou espiritismo, juntando ainda elementos da cultura africana e indígena. A palavra é derivada de “*u`mbana*”, um termo que significa “curandeiro” na língua banta falada na Angola, o quimbundo. A umbanda tem origem nas senzalas em reuniões nas quais os escravos vindos da África louvavam os seus deuses através de danças e cânticos e incorporavam espíritos. (Site Significados)

¹² “Tendências à unificação de ideia ou de doutrinas diversificadas e, por vezes, até mesmo inconciliáveis [...] fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicas, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.” (AURÉLIO, 2010, p.1937).

O projeto “Lêpraque?” apresentou para os educandos escritores negros brasileiros e suas obras. De forma bastante representativa, os educandos puderam ter contato com escritores como Machado de Assis e o personagem de Brás Cubas, que conta sua história a partir de sua morte até o nascimento. E, durante as semanas, os educandos conheceram a história e obras de Domingos Caldas Barbosa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Antônio Gonçalves Dias, Maria Firmina dos Reis, Solano trindade e Carolina de Jesus.

Juntamente com essas apresentações semanais, foram estimuladas a leitura e a escrita, algumas produções surgiram e foram apresentadas juntamente com a oficina de dança no sarau cultural realizado na unidade para pais e comunidade.

Considerações finais

A temática do racismo é ampla que requer atenção e olhares dos espaços que estão comprometidos com a formação integral de crianças e adolescentes. As atividades foram planejadas pensando na responsabilidade de fomentar a discussão de um tema vivido por grande parte dos educandos inseridos em uma realidade de vulnerabilidade social e que atinge parte da sociedade, uma realidade à qual o povo negro precisou se submeter para garantir a sua sobrevivência.

Ainda vivemos resquícios históricos desse processo brutal que foi a escravidão, fator fundamental para a desigualdade social que vivemos ainda hoje. A marginalização e a negação de acesso a essa população sempre existiram, e muitos não entendem que isso é, sim, resultado de um descaso. O ideal de beleza, honestidade e possuidor de conhecimento é branco, e o que sobra ao negro? Sobra a favela, a ideia de servir, de trabalho duro, se não poder estudar em uma boa escola, de que depende da caridade e da boa vontade de alguns para tornar-se alguém. Ser negro no Brasil nunca foi fácil.

Não acreditamos que, com esse projeto, a realidade dos educandos do Centro Social Marista Ir. Henri pudesse ser mudada, que a partir de agora não será necessária a mediação de mais nenhum conflito; de que não serão mais ouvidas piadas, frases e posicionamentos racistas; não seria um processo tão fácil, em um mês e duas semanas, mudar algo que vem de 300 anos, não tivemos tanto êxito assim.

Infelizmente, nem todos participaram de todo o processo. Mas a cada educando que aos poucos foi se sentindo à vontade para soltar seus cabelos e contar sua história; a cada

“*Não sabia disso*”; a cada novo olhar; durante as batida de bastão relembrando a luta; a resistência de maculelê; as representações das mulheres africanas sendo moldadas; quando as frase de Mandela e Carolina de Jesus foram repetidas; e a cada muda sendo plantada, nós conseguimos fazer algo pela a identidade desses sujeitos, por mais singela que essas ações possam parecer. Para ele, essa mudança aconteceu. Acreditamos, sim, que esse educando não terá a mesma visão de mundo.

A valorização negra foi celebrada e exaltada em todos os espaços, a reflexão de que todos somos direta ou indiretamente descendentes de um povo que resistiu e resiste, e com muito esforço e luta constrói esse país, precisa ser motivo de orgulho.

Para nós, educadores, o desafio foi imenso, pois tivemos que nos desprender para sair da nossa zona de conforto, debater, escutar, enxugar lágrimas de alguns educandos e algumas vezes uns dos outros; isso nos fez assumir uma responsabilidade ainda maior do que aquela que assumimos todos os dias quando entramos na área social: o compromisso de transformar no dia a dia, muitas vezes de forma silenciosa, simples e muitas vezes destemida, de ajudar na construção INTEGRAL de sujeitos capazes de realizar transformação social. E a cada educador que estiver lendo esse trabalho, saiba: somos capazes disso, sim.

A questão de identidade racial da população negra precisa ser debatida, estar nas pautas, emergir nos espaços. Ainda vivemos uma democracia racial que beneficia somente os brancos, vemos diariamente um processo de desigualdade que atinge diretamente a criança e o adolescente negro, que, muitas vezes, não é levada em consideração em estudos, praticas... Ela geralmente preenche manchete de jornal ou serviços de cumprimento de medida socioeducativa. É necessário que cada vez mais possamos debater esse tema para gerar algo chamado CONHECIMENTO que é uma poderosa ferramenta para o empoderamento.

A cada educando, nosso muito obrigado. Este trabalho não seria possível sem a participação de vocês. A cada educador, nossa gratidão, respeito pelo trabalho que nem sempre é fácil, mas que nos desafia a dar o nosso melhor. E é dando o nosso melhor que mudamos realidades.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. **O candomblé bem explicado: nações Bantu, Ioruba e Fon.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

OLIVEIRA JÚNIOR, Adolfo Neves de. **A invisibilidade imposta e a estratégia da invisibilização entre negros e índios**: uma comparação. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/download/9912/7255>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PEREIRA, João Baptista Borges. A criança negra: identidade étnica e socialização. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 41-45, 1987. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1268/1270>>. Acesso em: 9 abr. 2016.

REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE - RMS. Parâmetros Educacionais. São Paulo: FTD, 2010.

REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE - RMS. Referenciais Teórico-Metodológico. São Paulo: FTD, 2010.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. Província Marista Brasil Centro Sul. **Projeto Marista para o Ensino Fundamental**: currículo em movimento. São Paulo: FTD, 2010.

SANTOS, Milton. **O preconceito**: cidades mutiladas. 1997. Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania. Disponível em: <http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-cidadanias-mutiladas_MiltonSantos1996-1997SITE.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil. Palestra transcrita por Cristiano das Neves Bodart. **Blog Café com Sociologia**. 2016. Disponível em: <<http://www.cafecomsociologia.com/2016/02/texto-inedito-e-incrivel-do-grande.html>>. Acessado em: 22 de abr. 2016.

SIGNIFICADOS. **O que é umbanda**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/umbanda/>>. Acesso em: 4 maio 2016.